

## O ensino de literatura hispânica na UFVJM

Juliana Leal<sup>1</sup>

“a gente só suporta o dia de hoje porque a gente tem uma perspectiva do amanhã. E isso tudo está no campo da fantasia”.

Bartolomeu Campos de Queiros

“sempre ensinei o que não sabia e tive como pretexto as aulas que eu dava para ler o que ainda não havia lido; e para aprender, enfim, o que eu ignorava”.

Antonie Compagnon

**Resumo:** Este artigo aborda o tema da formação de professores a partir do relato da concepção de ensino de literatura hispânica presente no atual Projeto Político Pedagógico do curso de Letras Português/Espanhol da UFVJM, cuja abordagem teórica e metodológica para lidar com o texto literário em língua estrangeira/Espanhol leva em consideração três princípios fundamentais: 1. a importância do diálogo da literatura com outras artes; 2. a aposta de que a organização do currículo das disciplinas de literatura por temáticas e não por correntes literárias seja mais significativa para os alunos; 3. a crença de que o estudo da literatura contribui para a aquisição de conhecimentos do idioma estrangeiro.

**Palavras-chave:** ensino; literatura; UFVJM; espanhol.

**Abstract:** This article addresses the issue of teacher training according to the teaching concept of Hispanic Literature present in the current Political Pedagogical Project of the Portuguese/Spanish course of the Federal University

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura Comparada. Professora de Literatura da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM – Campus de Diamantina/MG). E-mail: juleal@yahoo.com.

---

of Jequitinhonha and Mucuri Valleys (UFVJM), whose theoretical and methodological approaches that deal with the literary text in a foreign language/ Spanish take into account three fundamental principles: 1. the importance of dialogue between literature and other arts; 2. the investment in curriculum organization of literature disciplines by theme rather than by literary currents is more meaningful for students; 3. the belief that the study of literature contributes to the acquisition of the foreign language.

**Keywords:** teaching; literature; UFVJM; spanish.

No dia 21 de novembro de 2013 tive o prazer de escutar a conferência “A literatura estrangeira no curso de Letras”, proferida pela prof<sup>a</sup>. Dra. Susana Bornéo Funck da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, que integrou a Mesa Redonda “Literaturas Estrangeiras no Brasil”, parte da programação do IV Simpósio Internacional de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Qual foi minha alegria e satisfação em ouvi-la tratar justamente sobre o tema que escolhi para abordar neste artigo: o ensino de literatura hispânica na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – *Campus* de Diamantina/MG (doravante UFVJM) ou, em termos mais gerais, o drama vivenciado pelo ensino de literatura em relação ao dos estudos linguísticos a partir da instauração de um imaginário que muitas vezes se concretiza em currículos da Educação Básica e Superior, em práticas de ensino, em livros didáticos, na crença de alguns alunos e, pasmem, de muitos professores, em torno de um tenso estado de dicotomia criado entre língua e literatura.

Acerca desse estado, Funck elucida que os estudos linguísticos ganharam mais importância a partir da elevação do estatuto da Linguística como disciplina acadêmica, enquanto Ciência da Linguagem (com métodos, critérios e rigor teórico), em detrimento da Literatura que, a partir do Estruturalismo, passou a ser considerada algo abstrato demais, pouco científico. Desse antagonismo entre língua e literatura como outras tantas dicotomias, diz a professora, tais como as culturais, sociais, raciais etc., resulta naturalmente a imposição hierárquica de uma sobre a outra. E nem precisamos fazer muito esforço para dizer qual dos polos costuma perder, quase sempre, nos currículos da educação básica e mesmo da superior de muitos cursos no país.

Sobre essa questão cabe esclarecer, valendo-me aqui do interessantíssimo artigo da professora Magda Soares, intitulado “O livro didático como fonte para a história da leitura e da formação do professor-leitor” que, desde fins do século XIX até os anos 60, o texto literário foi o principal objeto para o estudo da Língua Portuguesa, particularmente o de escritores brasileiros e portugueses e, curiosamente, se e somente se já se encontrassem falecidos. *Antologia*

*Nacional – Collecção de Excertos dos Principaes escriptores da língua Portuguesa* era o nome do manual de Fausto Barreto e Carlos Laet, cuja primeira edição data de 1895, sendo adotado pelas escolas brasileiras por mais de setenta anos. Acerca disso, vale destacar o que diz Soares (apud MARINHO 2013: 43; grifos acrescentados):

Infere-se que vai ocorrendo, ao longo das primeiras décadas do século, uma progressiva “nacionalização” da leitura escolar, isto é: da concepção de leitura escolar como leitura de autores de língua portuguesa, e de professor como leitor e conhecedor das duas literaturas, a portuguesa e a brasileira, vai progressivamente se passando à concepção de que na escola deveriam ser lidos predominantemente autores brasileiros e, portanto, de que **o professor formador de leitores deveria ser um indivíduo familiarizado sobretudo com a literatura brasileira**, mais do que com a portuguesa. Esse movimento vai conduzir à definitiva exclusão da literatura portuguesa como disciplina escolar nos anos 70, e à quase completa exclusão de autores portugueses nos livros didáticos para o ensino de Português.

A experiência do texto literário – e em minha afirmação, obviamente, há ecos de inúmeras leituras e escutas que fiz sobre o tema – deve encontrar ressonância nas práticas efetivas da nossa sociedade, dialogar com a vida para que não seja entendida, infelizmente para muitos, como um entretenimento ou passatempo esvaziado de sentido, feito para os que não têm o que fazer ou para um par de elegidos. Ela deveria colaborar para nos retirar desse estado letárgico provocado pela lógica do consumo desenfreado e do utilitarismo, pelo sensacionalismo das imagens e discursos propagados por muitos meios de comunicação, ajudando-nos na recuperação da intensidade ou da ampliação da experiência uma vez que, se não me equivoco, segundo Andrés Álvarez da Universidad de Los Andes, Colômbia, um dos conferencistas de um seminário promovido em 2013 pelo Centro de Estudos Latino-americanos – CELA/UFMG: “vemos tantas cosas por día que casi nada nos puede conmover”.

Atacar, nesse sentido, o que Paulo Leminski chamou de “condicionantes sociais do consumo da literatura”, entre eles: a “falta de tempo ocioso para o cultivo não rentável dos produtos do espírito”, a “concorrência dos meios eletrônicos de massa”, a “falta de preparo, de educação do gosto, de interesse, de procura” (LEMINSKI 1999: 72) é também papel das instituições de ensino. Um esforço para superação desse quadro que o ensino de literatura poderia perpetrar, na medida em que o contato com o literário pode, em minha opinião, modificar nossos modos de perceber, entender, (re)ler e até desconstruir o mundo. Mais ou menos o que Todorov (2012: 23-24; grifos acrescentados) defende nesse belo fragmento:

---

Mais densa e eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. [...] a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, **ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano.**

Talvez pela sucessão de equívocos metodológicos e conceituais decorrentes da manutenção dessa dicotomia (língua *versus* literatura) nos processos de ensino-aprendizagem de um idioma estrangeiro ou mesmo da língua materna, não seja coincidência pensar no argumento central que amparou a escrita da obra “A literatura em perigo”, de Tzvetan Todorov, de onde retirei o trecho acima, que aborda justamente os modos como a literatura tem sido oferecida aos jovens. Nessa obra, cuja publicação data de 2012 no Brasil, o ensaísta e historiador búlgaro critica os modos como os estudantes têm entrado em contato com os textos literários, quase sempre mediados por uma abordagem embasada na teoria, na crítica ou na história literária. Natural que eles não gostem dela por rotulá-la como algo abstrato demais e não a vejam como um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, sobre si próprio; muito menos como instrumento humanizador do homem, e recupero aqui Antonio Candido, no texto bastante conhecido e citado “O direito à literatura”: instrumento por meio do qual o exercício da fabulação, necessário para a formação do ser humano, possibilitaria este de se libertar do caos e se organizar, por dar forma aos seus sentimentos e visão de mundo (CANDIDO 1995: 186). E, do mesmo modo, acrescento, democratizador da razão, segundo o escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queiroz, porque colabora para que percebamos a maneira como o outro vê e interpreta o mundo; lugar (a literatura) a partir do qual, em sua opinião, é possível exercitar a prática da escuta.

Com este texto, abordarei o tema da formação de professores de Espanhol no ensino superior, a partir do relato da concepção de ensino de literatura estrangeira/Espanhol presente no Projeto Político Pedagógico do curso de Letras Português/Espanhol da UFVJM (doravante PPP), cuja primeira turma se graduou em meados de 2014. Grosso modo, a abordagem teórica e metodológica para lidar com o texto literário em língua espanhola, até o presente momento, na instituição em que trabalho, ao menos a partir do ponto de vista teórico, já que sua aplicação depende da concepção de ensino do docente que a ministrará, levou em consideração três princípios fundamentais: 1. a importância do diálogo da literatura com outras artes; 2. a aposta de que a organização do currículo das disciplinas de literatura por eixos temáticos e não por correntes

literárias seja mais significativa para os alunos; 3. a crença de que o estudo da literatura contribui para a aquisição de conhecimentos do idioma estrangeiro.

Cabe antes esclarecer que por ser, no momento de elaboração do PPP desse curso, a única professora da área de Espanhol concursada na UFVJM e com pouco mais de um ano de experiência como docente do ensino superior, busquei, naquela ocasião, ter acesso a projetos de outras Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) do país de modo a compreender o funcionamento de um currículo de literatura, no que diz respeito tanto à quantidade de disciplinas de literatura estrangeira/Espanhol oferecidas em relação às de língua, quanto ao modo como elas eram organizadas: se a partir de uma perspectiva historiográfica ou de correntes literárias, como estava sendo estruturada (e está) a oferta de disciplinas de literatura materna do PPP, já que o curso em questão é de habilitação dupla (Português/Espanhol), etc. Naquela ocasião, quando de minha participação no XIV Congresso Brasileiro de Professores de Espanhol, realizado em 2011, na Universidade Federal Fluminense – UFF, tive a sorte de conhecer o trabalho de reestruturação do currículo do curso de Letras Português/Espanhol da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, por meio da apresentação da comunicação oral da professora Maristela da Silva Pinto que, naquele momento, defendia, entre outras coisas, um currículo no qual o ensino de língua e o de literatura tivessem o mesmo espaço, isto é, que as disciplinas dele integrantes fossem distribuídas de maneira equânime. De igual modo, no mesmo Simpósio da UFU, aqui já mencionado, pude conversar com a professora Dra. Lívia Reis da UFF, conferencista da mesma mesa na qual estava a Dra. Suzana Funck da UFSC, que mencionou similaridades entre essa proposta e o currículo dos anos 90 do curso de Letras da UFF, agregando, ainda, a informação de que as ementas das disciplinas de literatura estavam definidas em torno de temas, o que, para aquela época, afirmou orgulhosa, era algo bastante inovador, passando a ser referência (talvez não necessariamente consolidada) para outros tantos currículos de IFES no país.

Dito isso, começo informando que entre as dez disciplinas que integram o currículo específico do curso de Letras Português/Espanhol da UFVJM, cinco são de língua e cinco de literatura. As duas primeiras, Literatura estrangeira/Espanhol I e Literatura estrangeira/Espanhol II, integram os dois últimos períodos do curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (doravante BHU), único meio de entrada para alunos interessados nos cursos de Letras (Português/Espanhol e Português/Inglês) da UFVJM. Isso significa que os alunos que optem por cursá-las, durante o BHU, já que podem escolher disciplinas de outras áreas de concentração, tais como História, Pedagogia e Geografia, não necessariamente farão Letras. E mais: podem nunca ter tido contato anterior com a língua espanhola, já que o currículo do BHU não se estrutura em torno de pré-requisitos.

Nesse caso, na ocasião da elaboração das ementas das disciplinas de literatura hispânica, optamos por uma concepção teórico-metodológica na qual essas duas primeiras disciplinas de literatura hispânica contemplassem o estudo de textos literários da Espanha e da América Hispânica (contos, textos dramáticos, poemas, crônicas e romances curtos) em diálogo com outras manifestações artísticas, especialmente o cinema, de forma a dialogar com a proposta interdisciplinar da graduação por eles escolhida e, ao mesmo tempo, possibilitar um aprendizado inicial do idioma estrangeiro por meio da leitura de textos literários variados. Além, é claro, recuperando Leminski aqui citado, de colaborar para a educação ou formação do gosto pela leitura literária, muito provavelmente não adquirida ou não consolidada na escola ou no seio familiar do alunado dos cursos de Letras da UFVJM. Essa afirmação se relaciona com o fato, segundo levantamento estatístico feito pela Pró-Reitoria de Graduação de nossa instituição, em maio de 2011, de que 72,3% dos ingressantes no BHu, no 1º/2011, eram oriundos das regiões do Vale do Jequitinhonha e do Norte de Minas Gerais, consideradas pelo mesmo documento como sendo a porção “mais pobre e carente desta unidade da federação”, isto é, do território mineiro. Pobreza e carência regionais, vale esclarecer, tomadas a partir do sentido de riqueza material (historicamente reforçado pela expressão “Vale da Miséria”) e não relativo às produções/produtos materiais e simbólicos (música, literatura, artes plásticas, gastronomia, festas etc.) que compõem o rico cenário cultural desta região, que, aliás, muito embora possua uma exuberância cultural e geográfica própria, ainda não devidamente reconhecida, continua vítima do descaso das políticas públicas de inclusão e de acesso aos bens básicos para manutenção da vida e diminuição da miséria socioeconômica.

Nesse sentido, o primeiro princípio que consideramos para conceber o ensino de literatura hispânica na UFVJM, – “a importância do diálogo da literatura com outras artes” – objetivava, mais ou menos o que quis argumentar em um artigo meu recentemente publicado intitulado “Formação de leitores de literatura e os estudos sobre a *performance*”:

a necessidade de uma prática da leitura literária na escola que fosse favorecedora de fluxos exotópicos contínuos, envolvendo leitores, textos/obras literárias, outros saberes e linguagens que circulam em variados meios. Fluxos instaurados num espaço de arena, o da performance, que promovessem a realização de atos de identificação, a partir dos quais o texto literário-proposição, em diálogo com as proposições apresentadas por outros discursos (cinema, música, etc.) englobariam o leitor como partícipe da obra-proposição, conformando, assim, o aspecto integrador subjacente à construção da(s) subjetividade(s) na contemporaneidade, por vezes contraditória, precária, fragmentada, confusa (LEAL 2014: 94).

Esse princípio, em termos gerais, diz respeito à formação do leitor de literatura em liberdade e por prazer que, ao ter acesso ao repertório artístico-simbólico de outras culturas, para além da sua, possibilita que ele amplie seu referencial estético, potencializando sua capacidade crítica em relação ao mundo e às coisas ao seu redor, incluindo sua realidade regional, histórica e humana, de modo que a produção do conhecimento não se veja desconectada das suas necessidades e inquietações enquanto sujeito sócio-histórico inserido num contexto global.

O segundo princípio, “a aposta de que a organização do currículo das disciplinas de literatura se desse por eixos temáticos e não por correntes literárias”, se relaciona estreitamente com o argumento central que norteia a obra de Todorov aqui citada, cujo título, vale lembrar, é “A literatura em perigo”. Em perigo porque seu estudo no ensino superior tem sido confundido com uma prática quase que exclusiva de teoria literária, fazendo com que o prazer da literatura seja substituído pelo prazer de uma engenhosidade analítica e estrutural no contato com o texto. Daí dizer TODOROV: “em nenhum caso o estudo desses meios de acesso pode substituir o sentido da obra, que é o seu *fim*” (2012: 31).

Considerando a necessidade de ampliação do repertório simbólico-artístico de um alunado que majoritariamente é originário do Vale do Jequitinhonha, decidiu-se por focar nas outras três disciplinas de Literatura estrangeira/Espanhol a questão da relação da memória/esquecimento na construção do sentido de identidade de certos grupos sócio-históricos (Literatura estrangeira/Espanhol III); o diálogo da literatura com outros sistemas semióticos, visando ao fortalecimento da proposta de um ensino interdisciplinar já iniciada no BHu (Literatura estrangeira/Espanhol IV); e o estudo da literatura produzida por minorias (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, etc.), de modo a incentivar o desenvolvimento de uma perspectiva intercultural nos estudos literários, cuja coerência reside na valorização do lugar de enunciação cultural, social e histórico dos alunos matriculados no curso de Letras Português/Espanhol da UFVJM.

Sobre o terceiro princípio, isto é, “a crença de que o estudo da literatura contribui para a aquisição de conhecimentos do idioma estrangeiro”, abordado ao longo de todo esse texto, gostaria apenas de concluir mencionando novamente as palavras da professora Susana Funck quando disse que: “A literatura é uma prática de linguagem que longe de se situar fora do estudo da língua, permite compreendê-la de forma prazerosa, complexa e singular.” (FUNCK 2013: s/p). Daí nossa crença na defesa de um ensino de língua e literatura como disciplinas integradas e não como unidades curriculares concorrentes. Afinal, como concorrer com algo ou mesmo menosprezar algo que, segundo a epígrafe deste trabalho, é vital para o homem?

Finalizo dizendo, no entanto, que, nessa proposta de ensino de literatura hispânica, há certamente muitas falhas, já que é resultado do trabalho ou da utopia de professores jovens em uma instituição ainda mais jovem. Trabalho este que passará necessariamente por revisões, ampliações e correções (já em curso) pela equipe de professores do Núcleo Docente Estruturante – NDE do curso de Letras Português/Espanhol da UFVJM. No entanto, não posso deixar de manifestar aqui o meu desejo de que essas mudanças colaborem para uma efetiva formação de professores de Espanhol que, para além de terem como tarefa o ensino de um idioma estrangeiro, não o façam negligenciando o tão vital acesso à complexidade simbólica fornecida pelo texto literário. Complexidade decorrente do universo de fantasia e de fabulação para os quais a literatura é capaz de nos arremeter e sem os quais o ser humano, de novo citando Bartolomeu Campos de Queiros, de quem sou fã de carteirinha, não suportaria “o peso do real”.

### Referências bibliográficas

CANDIDO, Antônio. Direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários Escritos*. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

COMPAGNON, Antonie. *Literatura, para quê?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

LEAL, Juliana. O ensino de literatura e os estudos sobre *performance*. In: SARMENTO-PANTOJA, Tânia (Org.). *Arte como provocação à memória*. Curitiba: CRV, 2014.

LEMINSKI, Paulo. *Ensaio e anseios crípticos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2012.

QUEIROS, Bartolomeu Campos de. *Manifesto literário*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=6vVfeTrSYM8>>. Acesso em: 28 nov. 2013.

SOARES, Magda. O livro didático como fonte para a história da leitura e da formação do professor-leitor. In: MARINHO, Marildes (Org.). *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil – ALB, 2001.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI. Pró-Reitoria de Graduação. Relatório de Graduação: ocupação de vagas 2011/1 SISU/ENEM e SASI. Disponível em: <[https://www.facebook.com/l.php?u=http%3A%2F%2Fwww.ufvjm.edu.br%2Fresolucoes%2Fdoc\\_view%2F1528-relatorio-de-vagas.html%3Flang%3Dpt\\_BR.utf8%252C%2Bpt\\_BR.UT&h=yAQFS9oWs](https://www.facebook.com/l.php?u=http%3A%2F%2Fwww.ufvjm.edu.br%2Fresolucoes%2Fdoc_view%2F1528-relatorio-de-vagas.html%3Flang%3Dpt_BR.utf8%252C%2Bpt_BR.UT&h=yAQFS9oWs)>. 2011. Acesso em: 01 maio 2014.